

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LETRAS

JONATHAS DE SOUZA E SOUZA

SELF, UM DISCURSO MULTIMODAL DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA
HIPERMODERNIDADE

MANAUS

2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LETRAS

JONATHAS DE SOUZA E SOUZA

SELF, UM DISCURSO MULTIMODAL DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA
HIPERMODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para aprovação na disciplina Prática de ensino de Língua e Literatura de Língua Portuguesa III: Estágio supervisionado, ministrada pela Prof^ª. Me. Jeiviane Justino, no curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Profa. Dra.: Neiva M M Soares

MANAUS

2017

SELF, UM DISCURSO MULTIMODAL DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA
HIPERMODERNIDADE

JONATHAS DE SOUZA E SOUZA

BANCA EXAMIDORA:

Dra. Neiva Maria Machado Soares
(Orientadora)

Dr. Victor Leandro de Lima
(Membro)

Me. Adelson Florêncio de Barros
(Membro)

MANAUS

2017

***SELF*, UM DISCURSO MULTIMODAL DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA HIPERMODERNIDADE**

Jonathas de Souza e Souza¹

Dra. Neiva Maria Machado Soares²

Resumo: A comunicação na atualidade é multissemiótica, criando uma autoimagem que passa a ter efeito ideológico na forma como a vida e os comportamentos podem ser conduzidos. Para o desenvolvimento da pesquisa, o objeto de estudo é decorrente de um fenômeno em que a psicologia humanista descreveu chamado de *self*, cuja construção imagética desenvolve um processo de idealização de aparência Rogers (1985). O corpus do trabalho é composto por quatro fotos de *selfs*, de pessoas meramente desconhecidas tiradas com algum famoso. O processo de análise será desenvolvido a partir da Análise de Discurso Crítica, via Fairclough (2001, 2016), seguindo com a orientação metodológica dos Significados Composicional e Interacional da Gramática do *Design* Visual adotadas por Kress e van Leeuwen (1996, 2006), oriundas da teoria sociossemiótica de Halliday (1994). Pressupõe-se que, em um contexto interdisciplinar, entender os novos processos de materialização do discurso por manifestações midiáticas em redes sociais é compreender o novo funcionamento do discurso na sociedade e sua adequação às mudanças que a tecnologia impõe a todos os indivíduos.

PALAVRAS – CHAVE: *Self*, Identidade, Discurso, Semiótica Social, Hipermodernidade.

Introdução

O crescimento e o desenvolvimento gerados pela globalização trouxeram à sociedade mudanças necessárias, tanto sociopolíticas, quanto na comunicação de modo geral, o modo de expressar ideias, pensamentos, foi revolucionado por essa expansão. Atualmente o texto não se detém somente àquilo que está escrito, mais do que isso, em suas práticas adentra ao universo multimodal. Seu marco se dá pela nova maneira em que o indivíduo de forma

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), integrante do Grupo de Pesquisa: Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na contemporaneidade (SDisCon - UEA), contato: jonathas.federal@gmail.com.

² Professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e orientadora, líder do Grupo de Pesquisa: Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na contemporaneidade (SDisCon - UEA), contato: nemsoa@hotmail.com

orientada expõe suas concepções, em que com um simples *meme*, *emojis*, *self* tem o poder de expressar um sentimento. Desta forma, observa-se que o texto hoje não se resume somente ao conjunto de palavras que formam a um enunciado.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o objeto de estudo é decorrente de um fenômeno em que a psicologia humanista descreveu como *self*, cuja construção imagética desenvolve um processo de idealização de aparência Rogers (1985), ou seja, uma forma de apresentação da maneira aparente do ser, enquanto indivíduo, gerando assim este confronto entre a idealização pessoal e o seu eu verdadeiro.

Para esse fenômeno midiático Debord (1967) passa a denominar como “espetáculo”. Com isso, gera-se uma necessidade extrema de um indivíduo em mostrar-se especificamente em redes sociais, até porque com as novas adaptações da linguagem elas se tornaram uma prática social, em que possui a sua “sociedade” em particular.

1. Manifestações da Linguagem humana

A Linguística está posicionada em meio a hipóteses e indagações, as quais a estabelecem como ciência. Independente de qualquer vertente linguística que se assuma, é inevitável não admitir o desenvolvimento significativo do seu corpus, a linguagem.

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão. (SAUSSURE, 2012 [1907] p.37)

O desenvolvimento da bela linguagem trouxe à tona um dos principais pontos de discussão quando está relacionado com o signo linguístico, uma das mais conhecidas e discutidas dicotomias de Saussure, significante e significado. Para Saussure o signo definia-se da seguinte maneira:

O signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces, ele une não só uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica, portanto, denomina-se signo a combinação do conceito e da imagem acústica, que logo passa a ser substituído por significante e significado. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 106-107)

Mediante a essa prerrogativa, o linguista trata o signo como um “ser arbitrário”, pois observa que é involuntário o mecanismo de escolha na construção do signo, mas, não podemos descartar que após algumas análises ele substitui os termos essenciais para a

construção do signo linguístico, o termo “conceito” é substituído por “significado” e “imagem acústica” por “significante”.

Mesmo levantado os seus questionamentos por meio das suas dicotomias, Saussure apoia-se e prioriza o estudo do significado, porém não desqualifica o significante, atribuindo a ele uma ressignificação, pois até então, a nomenclatura utilizada inicialmente tem certo paralelo com a qual ele passa a utilizar “a palavra símbolo para *designar* o signo linguístico ou, mais exatamente, o que chamamos de significante” (SAUSSURE, 2012, p. 109).

Podemos notar que, mesmo se vinculando a somente um lado de sua dicotomia significante x significado, ele acaba deixando em aberto o estudo do significante, que outrora chamara de imagem acústica. Tal definição é bem pertinente no séc. XXI, pois como se sabe, a construção dos signos não tem sido arbitrária, mas sim carregado de ideologias, direta ou indiretamente. Fica esta breve introdução dos estudos linguísticos, na sequência, adentraremos na linguística sistêmico-funcional, proposta por Michael Halliday.

1.1 A Linguística Sistêmico-Funcional – LSF

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) possui como maior influência Michael Alexander Kirkwood Halliday, sua teoria possibilita uma abordagem descritiva do funcionamento da linguagem humana baseado no uso linguístico, tratando assim de uma teoria descritiva da gramática.

Na perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem é um recuso para fazer e trocar significados, utilizada no meio social de modo que o indivíduo possa desempenhar papéis sociais. A linguagem é um tipo particular de sistema semiótico que se baseia na gramática, caracterizada pela organização em estratos e pela diversidade funcional. (FUZER e CABRAL, p. 21, 2014)

Esse mecanismo nos traz a relação existente entre linguagem, língua e sociedade, passando a caracterizar a LSF como uma teoria pós-moderna, devido à sua estrutura encontrar-se configurada de forma oposta ao contexto da Linguística Tradicional (LT) que, destaca somente a forma, o significante, deixando de lado os atributos e contribuições que o significado oferece. Sua base epistemológica está fundamentada em duas palavras que norteiam toda a teoria: sistêmico e funcional, ambas as palavras tornam a teoria mais prática em seu sistema de aplicação.

Ela é sistêmica porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer

coisas no mundo. Cada sistema é um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, lexicogramaticais ou fonológicos e grafológicos. É funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, as funções que a linguagem desempenha em textos. (FUZER e CABRAL, p. 19, 2014)

O fato de a LSF trabalhar a língua como sistema, corrobora a importância na escolha do significado como principal fonte de análise e construção do texto. Para Halliday (1994) é importante nas escolhas necessárias de convivência em sociedade relativamente o uso que fazemos do sistema linguístico, estabelecendo assim a funcionalidade da língua dentro do meio de diálogo estabelecido.

Em sua composição teórica Halliday (1994), um elemento peculiar para o desenvolvimento do dialogismo entre linguagem e sociedade é o texto, o qual descreve:

Quando as pessoas falam ou escrevem, elas produzem texto. O termo "texto" refere-se a qualquer instância de linguagem em qualquer meio que faça sentido para alguém que conheça a língua (ver Halliday e Hasan, 1976: Capítulo 1). Para um gramático, o texto é um fenômeno rico e multifacetado com muitos "recursos" diferentes. Pode ser explorado de vários pontos de vista diferentes. Mas podemos distinguir dois pontos principais de visão: primeiro, o texto como um objeto por direito próprio; segundo, o texto como um instrumento para descobrir sobre outra coisa. Concentrando-se no texto como um objeto, um gramático perguntará como: Por que o texto significa o que ele faz (para mim ou para qualquer outro)? Por que é valorizado como está? Concentrando-se no texto como instrumento, o gramático perguntará o que o texto revela sobre o sistema do idioma em que é falado ou escrito. Estas duas perspectivas são claramente complementares: não podemos explicar por que um texto significa o que faz, com todas as várias leituras e valores que lhe podem ser atribuídos, exceto por relacioná-lo ao sistema linguístico como um todo; e igualmente, não podemos usá-lo como uma janela no sistema a menos que entendamos o que isso significa e por quê.³ (HALLIDAY, 1994, p. 3)

Para o semiótico, o sistema gramatical natural (ou gramática funcional), visa o uso da língua. Tomando como pressuposto essa afirmativa, ele considera o discurso como dado

³ When people speak or write, they produce text. The term 'text' refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language (cf. Halliday and Hasan, 1976: Chapter 1). To a grammarian, text is a rich, many-faceted phenomenon that 'means' in many different ways. It can be explored from many different points of view. But we can distinguish two main angles of vision: one, focus on the text as an object in its own right; two, focus on the text as an instrument for finding out about something else. Focusing on text as an object, a grammarian will be asking questions such as: Why does the text mean what it does (to me, or to anyone else)? Why is it valued as it is? Focusing on text as instrument, the grammarian will be asking what the text reveals about the system of the language in which it is spoken or written. These two perspectives are clearly complementary: we cannot explain why a text means what it does, with all the various readings and values that may be given to it, except by relating it to the linguistic system as a whole; and equally, we cannot use it as a window on the system unless we understand what it means and why." (HALLIDAY, 1994, p. 3)
Tradução responsabilidade do autor

primário da gramática, sendo assim, podemos dizer que, a estrutura da gramática é indissociável da estrutura do discurso.

Devido às marcas sociais que os indivíduos deixam intencionalmente no texto, “a linguagem como sistema se materializa em textos, ou seja, o texto é qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem.” (FUZER e CABRAL, 2014. p.22 *apud* Halliday e Matthiessen, 2004. p. 4 – 5).

O texto é produto de seu entorno e funciona nele, logo se entende que, todo texto gira em torno de um contexto, onde se cria as possíveis interpretações, segundo Halliday (1994) essas interpretações só são possíveis dadas a relação existente entre o contexto cultural e o situacional.

Desta maneira, o contexto sustenta a sua relação sistemática de organização em relação a língua composto por um tripé: campo, relações e modo.

- O *campo* é a atividade que está sendo realizada pelos participantes com objetivo específico;
- As *relações* é o que desempenham o grau de controle, a distância social e ou grau de formalidade;
- O *modo* é a função que linguagem exerce ao veículo utilizado.

Porém quando se trata do contexto cultural, sua estrutura se torna bem mais densa devido à maneira como se enquadra em meio ao texto (Figura 1).

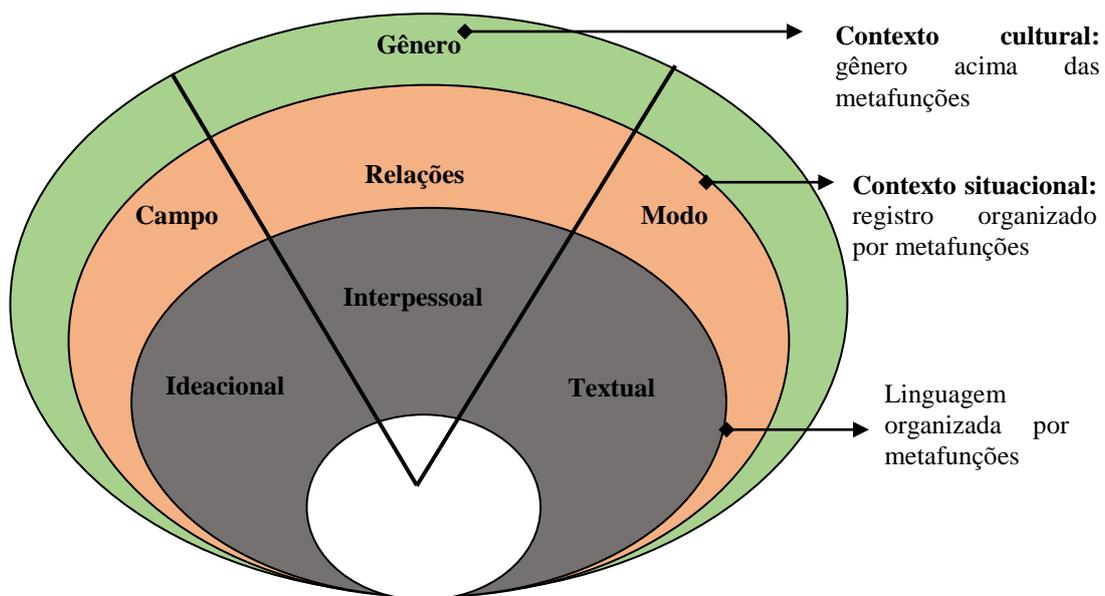


Figura 1. Do texto ao contexto, de Barbara e Macêdo (2009, p. 94)

Na visão de Fuzer e Cabral (2014) os contextos podem ser vistos:

...o contexto cultural (macrotexto) é mais estável, já que se constitui de práticas, valores e crenças mais recorrentes que permanecer ao longo do tempo numa comunidade e são compartilhados no grupo social. O contexto de situação (microcontexto), por sua vez, apresenta variáveis e constitui-se do entorno mais imediato em que o texto se insere. (FUZER E CABRAL, 2014, p.29)

Conforme as relações estabelecidas dentro desse processo comunicativo, podemos entender o quanto a linguagem possui multifuncionalidades em sua desenvoltura no meio social. Dentro da construção do texto Halliday (1994) a oração desempenha um papel fundamental nesse processo, e que por intermédio dela há uma influência e aplicação direta das metafunções.

As três metafunções da linguagem definem a oração como uma unidade gramatical plurifuncional: é organizada de acordo com os significados ideacionais, interpessoais e textuais (estrato semântico), em que a oração é vista como uma composição – oração como representação, oração como interação e oração como mensagem. Cada metafunção é realizada por um sistema próprio. (FUZER e CABRAL, 2014. p. 32)

Essa abordagem mostra que o estudo da composição da língua, por intermédio da linguagem, vigora pelo peso semântico acarretado no significado composto na oração e não pela configuração da sua estrutura ou forma, como já apresentada, recorrendo ao uso dos contextos tanto cultural, quanto situacional para sua aplicação.

Com a constituição de contexto Halliday (1994) estabeleceu o que se chama de Metafunções da linguagem, princípio básico da teoria Sistêmico-Funcional, no qual as duas primeiras funções relacionadas – experiencial e lógica – compõem a metafunção ideacional. A segunda constitui a chamada metafunção interpessoal, e a terceira recebe o nome de metafunção textual.

Propondo relações entre as realizações linguísticas de uma língua e as funções que ela desempenha na vida social, acompanhe de forma resumida no quadro 1.

Contexto de situação	Metafunções	Realizações lexicogramaticais
Campo	Ideacional	Transitividade
Relações	Interpessoal	Modo / Modalidade
Modo	Texto	Tema / Rema

Quadro 1. Adaptada de Barbara e Macêdo 2009. Relação dialógica entre Contexto, Metafunção e Realizações lexicogramaticais.

Por estar vinculada ao campo, a metafunção ideacional trabalha com a apresentação das experiências humanas no âmbito social, de forma externa ou interna, visando entender o ambiente, Halliday (1994). No desenvolvimento dessa metafunção, ela passou a se realizar por meio de duas funções distintas: experiencial e lógica.

A função experiencial é responsável pela construção de um modelo de representação de mundo, tendo como unidade de análise a oração. Já a função lógica é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais, tendo como unidade de análise o complexo oracional. Nesse sistema a oração é vista como representação. (FUZER e CABRAL, 2014, p. 33).

Podemos observar que a maneira como o indivíduo por meio da linguagem apresenta seus intuítos para a sociedade podendo ser de maneira explícita ou implícita. Para que haja compreensão da ideia exposta é essencial que, nesse processo de comunicação, haja diálogo, ou seja, a presença de um receptor da mensagem. A essa relação é atribuída a “metafunção interpessoal”.

A metafunção interpessoal, no contexto situacional, aplica-se às relações e na mesma feita no quesito léxico-gramatical em que permeia no modo e modalidade. Sua principal atividade, de modo geral, é estabelecer essa relação na comunicação entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, uma relação de troca estabelecida pela oração, Halliday (1994).

Vale ressaltar que a relação entre as metafunções citadas é atribuir papéis de representação, as posições e o grau de aproximação entre emissor e receptor, sendo o primeiro relativo à metafunção ideacional e o segundo relativo à metafunção interpessoal.

A construção da metafunção textual é configurada pelas escolhas lexicais que o autor, seja falante ou escritor, feitas no momento do desenvolvimento do texto. Halliday (1994) vê a metafunção textual como a organizadora das orações dispostas na mensagem, toda essa configuração é realizada de forma coerente utilizando como ferramentas de análise duas estruturas inter-relacionadas, Halliday e Matthiessen (2004), estrutura da informação (dado/novo), presente na informação e, estrutura temática (tema/rema), realizando-se na esfera léxico-gramatical no nível das orações, perceptíveis nas mensagens. Portanto a essa metafunção, cabe o papel de orientar e organizar as ideias produzidas na mensagem, conduzindo os leitores às possíveis significações e/ou interpretações.

Sendo assim “o texto é uma entidade semântica, isto é, um constructo de significados e, ao mesmo tempo, uma troca social de significados.” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 22).

Desta forma, linguagem e sociedade são enxergadas como um todo, com isso a perspectiva de análise se volta à natureza e organização da linguagem, sendo ela não somente um processo social como também uma expressão. Halliday (1994) busca nortear e aprimorar uma gramática funcional com o intuito de trabalhar as concepções e relações entre linguagem e sociedade. A LSF apresenta uma base teórico-linguística que é substancial para outras vertentes de estudos, inclusive discursivos, como é o caso de da ADC e semióticos com da GDV.

1.2 Análise de Discurso Crítica (ADC)

Norman Fairclough advém das Ciências Sociais, mesmo assim suas pesquisas têm sido um grande divisor de águas para os estudiosos da linguagem, e em especial, os estudiosos do discurso. A ADC tem como intuito estudar as diversas formas de linguagem, suas práticas e mudanças em meio à sociedade, interessam-se pela relação linguagem e poder, pois a linguagem é um meio que serve para dominar e mostrar força social, contribuindo para legitimar as relações de poder estabelecidas. O fundamento principal da ADC é “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem” (FAIRCLOUGH ([2001] 2016, p. 93).

Com esses fatores que contribuem para que a ADC desenvolva mais, é notório o dialogo que há entre a ADC e as Ciências Sociais, até porque o próprio precursor, Fairclough, advém dessa área. Em sua transposição de análise não evidencia somente os aspectos linguísticos, mas também, as influências sociais que contribuíram para a construção do discurso do indivíduo, buscando até mesmo identificar e entender alguns problemas sociais.

A partir dessas teorias, Fairclough ([2001] 2016) permite uma investigação transdisciplinar buscando desenvolver uma compreensão adequada de como a linguagem opera, pois somente pelos discursos podem-se acompanhar as diversas manifestações da linguagem na transmissão de conhecimento, na organização das instituições sociais e no exercício do poder.

O discurso do indivíduo, enquanto está sendo moldado de forma inconsciente, recebe a influência de estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores irão sempre além da produção de sentidos, (FAIRCLOUGH ([2001] 2016).

Desta forma, subentende-se que o discurso é configurado por ideias e conceitos sobrepostos por relações em que o próprio indivíduo está relacionado, todavia, na ADC o

indivíduo não é “marionete” do sistema e do meio em que vive, mas sim, um ator, um construtor, um ser que faz parte da criação do discurso criado ou proferido.

... as práticas dos membros são moldadas de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos. (FAIRCLOUGH, [2001] 2016. p. 104-105)

O linguista considera o discurso como uma faceta da vida social relacionado a outras facetas:

...discurso é o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis; contendo algumas implicações, dos quais o discurso pode ser um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também modo de representação, pois mediante a esse contexto forma-se uma relação dialética entre discurso e estrutura social em que se tem uma relação entre a prática social e a estrutura social, sendo o discurso moldado e restringido pela estrutura social. Sendo dessa forma, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, o discurso por sua vez é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas, de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH [2001] 2016 p. 94-95)

De outra maneira, sabemos que a sociedade é constituída por uma diversidade de indivíduos, os quais se moldam e se adequam principalmente ao processo de globalização que possui grande influência em todos os aspectos que constituem a sociedade.

A relação de discurso e estrutura social seja considerada dialética, em que se compunha pela determinação social (reflexo de uma realidade social mais profunda) e construção social (representação ideal como fonte social). Assim, a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias na cabeça das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais concretas (FAIRCLOUGH (2001).

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. Já o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 98)

Mediante a esses argumentos podemos concluir que, a composição do discurso é dada pela seguinte concepção tridimensional: prática social, prática discursiva e texto. Na prática social, os discursos são avaliados pelas seguintes orientações: econômica, política, cultural, ideológica, poder e hegemônica. Na prática discursiva, são avaliados os elementos:

força dos enunciados (atos de falar), coerência e a intertextualidade, produção e consumo de texto. Na prática textual, são avaliados quatro elementos: vocabulário, gramática, coesão e estrutural textual. Observe o resumo no Quadro 2.

PRÁTICA SOCIAL	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA TEXTUAL
IDEOLOGIA	FORÇA DOS ENUNCIADOS (ATOS DE FALA)	VOCABULÁRIO
HEGEMONIA	COERÊNCIA	GRAMÁTICA
PODER	INTERTEXTUALIDADE	COESÃO
ECONÔMICA	PRODUÇÃO	ESTRUTURA TEXTUAL
POLÍTICA	CONSUMO DE TEXTO	-
CULTURAL	-	-

Quadro 2. Quadro para Análise das Propriedades Formais do Texto (Fairclough, [2001] 2016)

Toda prática social, para que seja válida no meio de circulação, é acrescida de uma prática discursiva e textual. Vale ressaltar que ambas podem ser denominadas como “interpretação”, Fairclough ([2001] 2016). Tanto a prática discursiva quanto a textual são uma das maiores comprovações de que o discurso e o indivíduo, no teor teórico da ADC, possuem uma construção diferente, na visão da AD, tanto o discurso quanto o indivíduo, são frutos do sistema ou meio em que estão inseridos.

Fairclough e Halliday concordam que tanto significantes quanto significados são “socialmente motivado”, Fairclough (2001).

Saussure e outros autores na tradição linguística enfatizam a natureza ‘arbitrária do signo, a concepção de que não há uma base motivada ou racional para combinar um significante particular com um significado particular. Contra isso, abordagens críticas da análise de discurso defendem que os signos são socialmente motivados, isto é, que há razões sociais para combinar significantes particulares e significados particulares. (FAICLOUGH, 2001. p. 107)

Com isso as práticas discursivas e textuais se moldam principalmente pela forma como o indivíduo está configurado na sociedade, uma vez que o próprio discurso contribui para a

construção dos tipos de ‘eu’, identidades sociais, posições de sujeito, sujeitos sociais, Fairclough ([2001] 2016).

O que torna a prática discursiva especificamente discursiva está parcialmente ligado à linguagem, pois a prática discursiva manifesta-se em forma linguística, na forma do que intitularemos como ‘texto’, usando ‘texto’ no sentido amplo de Halliday e na forma da linguagem falada e da escrita (HALLIDAY, 2004).

Dessa forma, a prática social é uma dimensão do evento discursivo, da mesma forma que o texto. Portanto, prática discursiva não se opõe à prática social sendo a primeira uma forma particular da última Fairclough (2016). Veja a relação no Quadro 3.



Quadro 3. Concepção tridimensional do Discurso, Fairclough [2001] (2016)

Com isso podemos identificar a grande relação que ADC possui com a LSF, pois a LSF considera o contexto social fundamental para a construção da realidade social por meio de configurações lexicogramaticais, esquematizado no Quadro 4, a seguir.

Linguística Sistêmica Funcional (LSF) – Halliday (1994)	Análise de Discurso Crítica (ADC) – Fairclough (2001)
<i>Ideacional</i>	Prática social
<i>Interpessoal</i>	Prática discursiva
<i>Textual</i>	Texto

Quadro 4. Relação da LSF com ADC. Baseado em Halliday (1994), Fairclough (2001).

A partir dessas teorias, Fairclough ([2001] 2016) apresenta uma investigação transdisciplinar, buscando desenvolver uma compreensão adequada de como a linguagem

opera, pois somente pelos discursos podem-se acompanhar as diversas manifestações da linguagem na transmissão de conhecimento, na organização das instituições sociais e no exercício do poder.

2. Gramática do *Design Visual* (GDV) e Multimodalidade

O visual, como todos os modos semióticos, tem que servir a vários requisitos comunicacional e representacional, a fim de funcionar como um sistema completo de comunicação (KRESS; van LEEUWEN 1996, 2006). Podemos pensar a ótica visual da seguinte maneira: o que é expresso na linguagem através da escolha entre diferentes classes de palavras e estruturas semânticas, na comunicação visual é expresso pela escolha entre diferentes usos de cores e de estruturas composicionais.

Com os avanços tecnológicos, principalmente o visual (não verbal), em específico as imagens, ganharam seu espaço no sistema linguístico e na sociedade, saindo da representação discreta, para um lugar de relevância e prestígio, devido ao teor informacional que ela possui, passando a ser construída de forma mais elaborada e direcionada.

Portanto, a globalização, a revolução tecnológica, acelerou-se, fazendo com que o mundo globalizado reconfigurasse, recontextualizasse não só as relações sociais, como também as práticas discursivas que, agora, têm de ser capazes de estabelecer comunicação em diferentes mundos com diferentes sujeitos, agora organizadas em redes, e muitos com uma espécie de *second life* (segunda vida) extremamente ativa em mundos digitais. Todas essas mudanças estabeleceram novas perspectivas discursivas que já estão em uso em diferentes instâncias da linguagem (VIEIRA, 2015 p. 18).

Dessa forma, quebra-se o paradigma estabelecido por Saussure ([1916] 2012), que consiste no signo arbitrário, ressignificando assim a dicotomia significante x significado. Com isso, o sistema visual, em um contexto geral, sai do status do não verbal e passa a se estabelecer como verbal.

A representação multimodal do significado no discurso, afirma que a representação sígnica é sempre múltipla, negando-lhe por esse princípio, a existência fixa e unívoca do signo. Acreditam que os significados são constituídos por agentes do discurso de modo interacional e não arbitrário e por meio de multissígnos, que enfeixam uma gama variada de semioses. Desse modo, a defesa da Linguística tradicional seria impossível segundo a proposta de Kress e van Leeuwen. (VIEIRA, 2015 p. 18)

Segundo os autores da Gramática de *Design Visual*, a subjetividade se encontra tanto no verbal como no visual, servindo tanto para entretenimento quanto para informação. A linguagem é vista como forma de comunicação e de representação e a multimodalidade relaciona-se a todos os modos semióticos convergentes na composição textual, indo além do escrito.

Na comunicação, ressalta-se a importância de que os participantes tornem suas mensagens compreensíveis dentro de contextos específicos como a representação, onde os produtores devem escolher formas mais aptas para expressar o pensamento em dados contextos (KRESS; van LEEUWEN 2006). Pois os arranjos visuais reproduzem disposições da realidade, vinculados aos interesses das instituições sociais em que as imagens são produzidas, circuladas e lidas.

Em nosso caso partimos da Gramática Sistêmico Funcional desenvolvida por Michael Halliday, em vez de usarmos suas características especificamente focalizadas em linguagem como base para a gramática, buscamos usar seus aspectos semióticos gerais. Como Ferdinand de Saussure havia feito no início do século passado, vemos a linguística como parte da semiótica; mas não vemos a linguística como a disciplina que pode fornecer um modelo pronto para a descrição de modos semióticos diferentes da linguagem. (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. Vii - viii)⁴

Dentro desse processo, ele conta com dois tipos de participantes: o representado, que se realiza no objeto, paisagem ou até mesmo no ator descrito na imagem; e o participante interactante, que é justamente o leitor, apreciador, observador da imagem exposta.

Dada a necessidade de se trabalhar uma abordagem multimodal, os professores Kress e van Leeuwen passaram a trabalhar o contexto visual de forma mais estruturada e detalhada e, a partir daí, criaram a Gramática de *Design Visual* (GDV).

Essa nova teoria de análise está especificamente fundamentada na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), teoria sociossemiótica que cria uma interface em pontos convergentes que influenciaram diretamente na estrutura composicional da teoria, principalmente as metafunções, principais ferramentas de análise utilizada por Halliday, explicitada no Quadro 5.

⁴ It is the case that our starting point has been the systemic functional grammar of English developed by Michael Halliday, though we had and have attempted to use its general semiotic aspects rather than its specific linguistically focused features as the grounding for our grammar. As Ferdinand de Saussure had done at the beginning of the last century, we see linguistics as a part of semiotics; but we do not see linguistics as the discipline that can furnish a ready-made model for the description of semiotic modes other than language. (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. vii - viii)- Tradução de responsabilidade do autor.

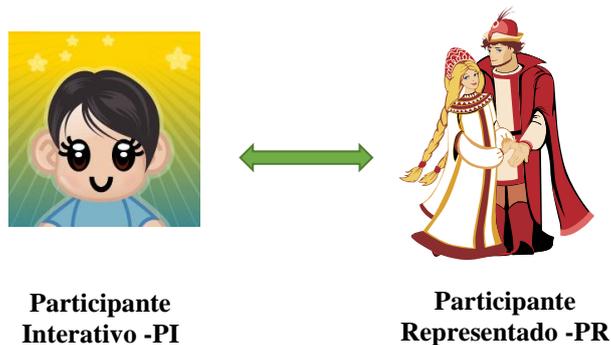
Linguística Sistêmica Funcional (LSF) – Halliday (1994)	Gramática de <i>Design Visual</i> (GDV) – Kress e van Leeuwen (1996, 2006)
<i>Ideacional</i> : processos, participantes, assunto	<i>Representacional</i> : estrutura narrativa, participantes, circunstâncias
<i>Interpessoal</i> : participantes, modo, modalidades	<i>Interativa</i> : contato- distância- atitude
<i>Textual</i> : tema –rema / dado- novo	<i>Composicional</i> : dado – novo / real – ideal

Quadro 5. Relação entre LSF e GDV, baseado em Halliday (1994) e Kress e van Leeuwen (1996, 2006)

O Significado Representacional, Kress e van Leeuwen ([1996], 2006) relaciona-se à metafunção ideacional, que ocorre no sistema da transitividade na linguagem, Halliday (1994, 2004), para Kress e van Leeuwen, consiste como função responsável em construir visualmente as estruturas no momento em que ocorrem os eventos, objetos, participantes envolvidos, e as circunstâncias. Kress e van Leeuwen acreditam que da mesma forma que a oração possui uma estrutura de formação baseado nas experiências vividas pelo indivíduo, as imagens também são estruturadas da mesma maneira. Ressalto que em meio a análise não será usado o Significado Representacional.

O Significado Interativo é estabelecido a partir da imagem construída em que se configura mediante a direção do olhar do participante representado, o participante é classificado como reator, pois existe um processo narrativo transacional relacional. Ao se tornar notória a direção do reator, havendo uma relação de troca, essa representação é classificado como fenômeno, pois existe um processo narrativo relacional transacional. Em contrapartida, não ocorrendo o fenômeno, o processo torna-se não transacional, Kress e van Leeuwen ([1996], 2006).

Esse significado faz paralelo à metafunção interpessoal Halliday (1994, 2004), enquanto na interpessoal se trabalha a relação entre os participantes do discurso, a interacional trabalha na construção de relação entre os participantes na imagem, sugerindo uma dinamicidade na relação entre PR e PI. Nessa relação construída entre PR e PI, se estabelece uma relação de contato, distância social, ângulos e modalidade Kress e van Leeuwen ([1996], 2006). Veja o esquema 1.



Esquema 1. Constituição da Metafunção Interativa

Em teor bem pedagógico, faremos um resumo conciso sobre a metafunção interacional, vale ressaltar que ela compõe o quadro de ferramentas de análise da pesquisa em voga. A começar pela relação de contato, pode-se classificar como demanda quando exige uma relação de atenção entre o PR e o PI; porém na oferta, não há essa relação, com intuito de contentamento.

Já a distância social é estabelecida como grau interação social entre os participantes. Essa relação pode ser organizada de três formas diferentes, compostas por subcategorias, (Kress e van Leeuwen [1996], 2006. p. 124 *apud* Lovato 2012, p. 119):

- *Distância íntima* (plano fechado – *close shot*): somente a cabeça e a face são retratadas;
- *Distância pessoal próxima* (plano fechado – *close shot*): somente a cabeça e os ombros são retratados;
- *Distância pessoal longa* (plano médio – *medium shot*): o participante é retratado da cintura para cima;
- *Distância social próxima* (plano aberto – *long shot*): todo o participante é retratado;
- *Distância social longa* (plano aberto – *long shot*): todo o participante e o espaço ao seu redor são retratados;
- *Distância pública* (plano aberto – *long shot*): o torso de muitas pessoas é retratado.

Outra a relação consiste na atitude, em que é composto pelos ângulos horizontal (suas subcategorias frontal e oblíquo horizontal) e vertical (suas subcategorias: elevada, igual e baixo). Em suma, o ângulo horizontal descreve a relação de comprometimento entre PR e PI; frontal descreve a relação de envolvimento entre PR e PI, denotando o grau de intimidade entre PR e PI; o ângulo oblíquo descreve a falta de relação entre os participantes, indagando certa relatividade entre o PR e PI em relação à intimidade.

Já o ângulo vertical denota a relação de poder consistida entre PR e PI. Quando uma imagem está em um ângulo alto, capturada de baixo para cima, o PR mostra uma relação de

maior poder que o PI. Caso aconteça o inverso, o PR mostra uma relação de menor poder que o PI. Caso ambos estejam ao mesmo nível ocular, consiste em uma relação de igualdade entre PR e PI, Kress e van Leeuwen ([1996], 2006. p. 129). Ver Figura 2.

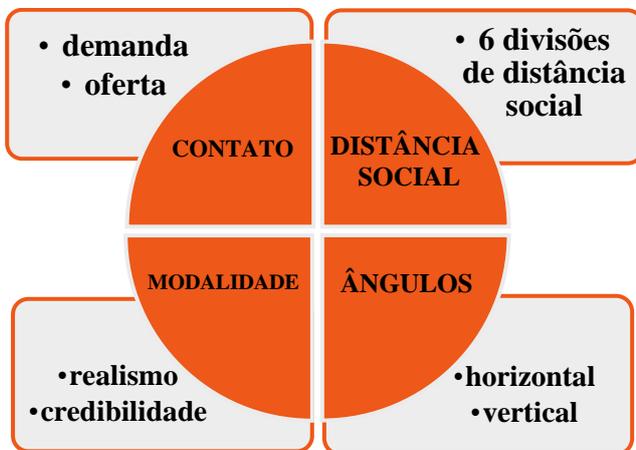
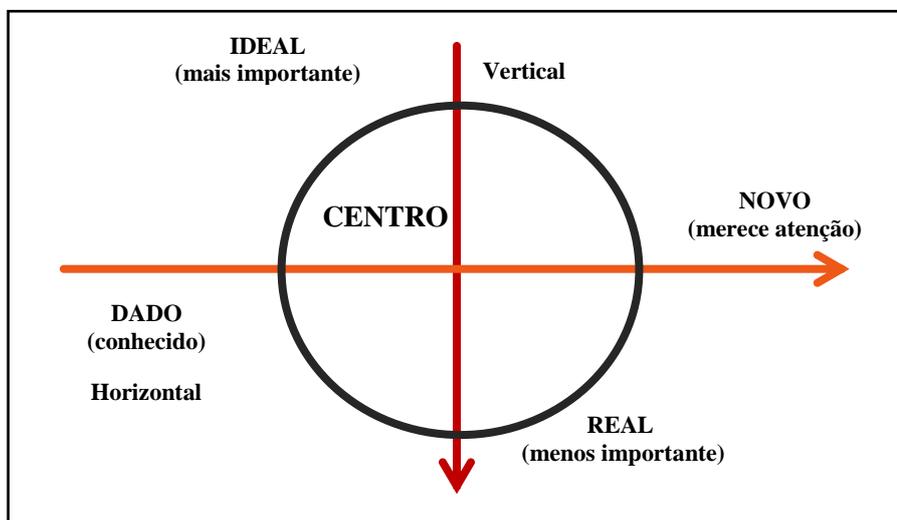


Figura 2. Significado Interacional, baseado em Kress e van Leeuwen ([1996], 2006)

Quanto ao Significado Composicional, faz paralelo a metafunção Textual, o valor da informação está relacionado aos elementos que compõem a imagem de forma equivalente bidimensional, sistematizada de forma horizontal (o lado esquerdo da composição representa o dado, informação já conhecida, e o direito, a informação nova); e de forma vertical (o topo, em que parte da informação Ideal, é a promessa ou o que pode ser conquistado, realizado; e a base, em que parte a informação Real, é o produto e/ou informação como ela é.

Por fim, a centralização dos elementos, que se estabelece tanto ao predomínio e ao destaque de algumas informações quanto à omissão de outras. No Centro, está o núcleo da informação e, nas margens, os elementos que são subservientes, KRESS; van LEEUWEN ([1996], 2006). Tais informações estão sintetizadas no Quadro 3.



Quadro 6. Metafunção Composicional Kress e van Leeuwen ([1996], 2006. p. 197)

O enquadre consiste o nível de conexão e desconexão, diz respeito à presença ou à ausência de uma linha divisória entre a imagem e seus elementos. A metafunção composicional corrobora para aplica a análise da forma como diferentes modos de representação da informação estão dispostos em um layout de uma página da Internet, por exemplo, KRESS; van LEEUWEN ([1996], 2006. p. 197).

3. Motivação analítica

O modo de viver aparente da sociedade do séc. XXI tem permeado por diversos ambientes, dos quais destaco o ambiente virtual, em que muitos possuem uma dupla identidade, em qual uma se assume em sua vida social física e outra na virtual, todavia, sabemos que o ambiente virtual tem desenvolvido um próprio sistema linguístico (linguagem não verbal – textos multimodais) do qual em alguns momentos há uma interferência direta no sistema linguístico ‘padrão’ (linguagem verbal) no qual a *self* tem sido um destaque relevante.

Com as altas projeções da imagem pessoal no contexto social-tecnológico, quais são as motivações da construção da autoimagem do ser humano em forma de “texto” que vem ganhando grande significação em meio às redes sociais? A respectiva reflexão trouxe ao cursor principal o material fundamental para a realização das análises.

O *corpus* de análise do presente projeto é composto por quatro fotos de *selfs*, de pessoas desconhecidas tiradas com algum famoso, seguindo os seguintes critérios:

- Ser de domínio público;
- Ter a presença de algum indivíduo significativamente conhecido, ou seja, uma celebridade;
- Ser fotos tiradas a partir do ano de 2014;
- Postadas em redes sociais.

Para análise partiremos do conceito de *Self* de Rogers (1985) e categorização de Espetáculo de Debord (1967), de Identidade exposta por Hall (2011), Sociedade Líquida de Bauman (2001). Buscando construir um novo formato de gênero textual sócio-virtual, faremos uma abordagem concisa sobre a sistematização teórica citada. Pois a *self* consiste em sua estrutura possui uma relação com a sociologia, filosofia e psicologia e o próprio sistema linguístico.

3.1 Entendo a *Self* e seu “espetáculo”

A pós-modernidade, como é chamada hoje nessa era sócio-virtual, trouxe à sociedade mudanças significativas em questões específicas sobre identidade (meios sociais de convivências), cultura e discurso. Ousamos dizer que o discurso foi o que sofreu maior mudança em caráter configurativo, pois sai do mecanismo formado somente por palavras, orações e enunciados, e ganha um novo formato estruturado pela imagem.

Não é de hoje que o homem enquanto indivíduo busca meios para “utopisar” o seu estilo de ser. Sejam por gestos, palavras, ações, mecanismos que possam expressar um pouco mais sobre a sua personalidade e interior, visando principalmente o *status* temporário, categorizado dentro da LSF como o processo do ter, do que a sua real realidade, processo do ser.

O processo de construção de aparência é uma teoria estudada dentro da Psicologia na corrente Humanista. Vale salientar que os estudos do *self* não estão centrados somente a Carl Rogers, porém, o constructo inicial da pesquisa corresponde melhor com a teoria apresentada por Rogers. Para futuros projetos a base analítica da concepção de *self* será vista de forma mais minuciosa, pois como sabemos é bem rudimentar a relação entre mente e linguagem.

A teoria do *Self*, enquanto psicologia gira em torno da personalidade humana, pois para Rogers (1985) a consciência do indivíduo fala muito sobre sua personalidade, descrevendo o que se chama de autoconceito, que é justamente um arranjo das convicções e ideias que o indivíduo possui dele mesmo.

Rogers, ao trabalhar em forma de terapia, percebeu uma incorformação do próprio indivíduo, passando a criar conflitos tempestuosos e até mesmo a não aceitação de si mesmo, desta forma ele percebeu que a havia uma briga entre o eu real e o eu ideal, Rogers (1985. p.271 - 272).

A proposta teórica do autor divide-se em:

- Eu real: o autoconceito que a pessoa tem de si mesma, baseado em experiências passadas, estímulos presentes e expectativas futuras.
- Eu ideal: qualidades ideais que o indivíduo gostaria de ter (“*ser*”), uma visão ideal de si mesmo.

Mediante a espetacularização, as redes sociais se tornaram palco de representação do eu ideal. Basta olharmos para as fotografias em formato de *self*, em uma visão semiótica nota-se que o ambiente, seu temperamento e a rotina pelo qual o ator ou PR esta inserido é algo

representado, é o que Rogers (1985) vem a chamar de transações de status, ou seja, uma apresentação pessoal estratégica.

Esse mecanismo de exposição conflituosa começa principalmente com as indagações de filósofos gregos até as teorias psicológicas do cenário atual. Todavia, na atualidade esse processo vem se estabelecendo por meio do *Self*, que é um autorretrato que o indivíduo tira de si mesmo, com o intuito de se expor na sociedade virtual em que ele convive, tal sociedade virtual está ligada diretamente com as redes sociais em que ele participa.

Essa exposição é classificada como espetáculo, e o espetáculo por sua vez “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (DEBORD, 1967, p. 14), e essa conjuntura entre conjunto de imagens e relação social, passou a criar uma necessidade aparente de exposição do ser. Para o estudioso:

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico, tornando-se evidente uma degradação do *ser* para o *ter*. Levando a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo o *ter* efetivo deve extrair seu prestígio imediato, moldando toda a realidade individual, para a social, permitindo aparecer aquilo que ela não é. (1967, p. 18)

Ou seja, as mudanças sofridas na sociedade por este estado de exibicionismo produziram um grande efeito na construção da identidade moderna., uma nova identidade em sua segunda sociedade, algo que Hall (2011) explica como identidade fragmentada.

... as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno... e assim chamando crise de identidade como parte de um processo mais amplo de mudança. (HALL. 2011. p. 9)

O modo de manipular o afeto de nós mesmos para outra pessoa é algo que compreende as deixas não verbais, a partir dessa compreensão pode especular características subjetivas sobre um novo gênero textual. Com o avanço da tecnologia e amplitude do processo de globalização, a hipermodernidade trouxe influência direta no estilo de vida da sociedade, algo que Bauman (2001) chama de liquidez, justamente pelo fato de ser algo fluído, rápido, momentâneo.

3.2 ADC e a *Self*

Algo bem peculiar do *self* é que, além de ser tirado pelo próprio indivíduo, o aparelho celular já vem programado para esse tipo de ação, basta olharmos para a câmera frontal, que fica situada na parte superior do lado direito, porém, quando se tira o autorretrato, a imagem construída vem expressa de forma inversa, ou seja, espelhada. O *self* atua no cenário representado e, ao mesmo tempo, consome como telespectador, caracterizando uma introspeção da personalidade em formato de status.

Ao se considerar o gênero textual, este visa a comunicação entre os indivíduos, possuindo suas próprias características em conteúdo, composição e estilo. A começar pelo conteúdo, o *self* é configurado por uma pessoa conhecida em sua comunidade virtual. Observou-se pelas análises que as composições sociais estão passando por transformações e isso repercute no comportamento discursivo falado, escrito e visual.

Esse novo formato de discurso segue justamente a adequação da vida social, pois com o avanço da tecnologia, a sociedade criou outro espaço de convivência denominado virtual. E essa realidade virtual expressa diretamente à composição da vida íntima do indivíduo, sendo representada principalmente por fotografias, e com isso a imagem fotográfica sai de uma mera produção de registro pessoal e passar a ter caráter ideológico, identitário e cultural.

Dessa forma a *self* cria um ponto de conexão com o discurso, tornando ela um discurso verbal (inserindo uma legenda) ou não verbal (somente com gestos e/ ou caretas), com isso a identidade é manifesta as práticas sociais. Em seu processo de desenvolvimento o discurso revela a que classe e meio social o indivíduo se enquadra. A linguagem anda diretamente ligada a processos psíquicos, que vão se adequando com o passar do tempo.

Todo e qualquer discurso é uma prática social, todavia possui um teor ideológico por trás de seu desenvolvimento, justificado pela nova abordagem de signos, devido à sua pontualidade e objetivo de “público”. O discurso, em seu processo de construção, possui três aspectos que podem ajudar no processo de diferenciação, Fairclough ([2001] 2016):

- Contribui para a construção dos tipos de ‘eu’; identidades sociais, posições de sujeito, sujeitos sociais;
- Construção de relações sociais entre pessoas;
- Construção de conhecimentos e crenças.

Para Fairclough ([2001], 2016), os sujeitos estão posicionados ideologicamente, mas também são capazes de agir criativamente, no sentido de realizar suas próprias conexões entre

as diversas práticas e ideologias a que são expostos e, de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras, atribuindo assim a ele autonomia de escolha, passando a se tornar “ator dentro do processo discursivo”.

Todo discurso hoje, por mais “ingênuo” que soe, está acarretado de significados intencionais do autor, mesmo que ele não admita. O autor sofre fortes influências do meio a que pertence, e como bem ressaltado por Fairclough, quando falamos em “identidades sociais” Fairclough ([2001]2016 p. 108), podemos usar como exemplo os jargões que cada grupo social reproduz, podendo cada grupo ser reconhecido através do discurso de seus participantes.

Dessa forma as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação, Fairclough ([2001] 2016).

As ideologias embutidas nas práticas sociais são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atinge o *status* de senso comum, ainda nessa mesma concepção, Fairclough ([2001] 2016) afirma que a ideologia investe a linguagem de várias maneiras, em vários níveis, e que não temos de escolher entre possíveis “localizações”, diferentes da ideologia, que parecem todas parcialmente justificadas e nenhuma parece inteiramente satisfatória, sendo assim a ideologia torna-se uma propriedade tanto de estruturas quanto de eventos.

Em paralelo às caracterizações de ideologia, Fairclough traz as percepções de hegemonia, elemento fundamental para entendemos os novos arcaibouços de texto.

Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento, é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação. (FAIRCLOUGH, p. 127, [2001] 2016)

A hegemonia é exposta no *self* no momento em que o participante representado (pessoa desconhecida) visa convencer os seus seguidores (participante interactante) de que o momento temporal em que foi tirada a fotografia é algo comum em seu dia a dia. Priorizando o *status* do ter para sua comunidade virtual, em que de certa forma a foto ficará arquivada “definitivamente”. Em contrapartida, o *status* do ser, mostra que o acontecimento foi atípico e fora da sua rotina, descontruindo assim o espetáculo que havia sido montado.

A prática das concepções de hegemonia nos auxilia para entender dentro do discurso os termos das relações de poder existe, apesar de parecer que é uma forma organizacional de poder predominante na sociedade contemporânea, ela não é a única. Isso fortalece paulatinamente as dimensões ideológicas, já que é uma forma de avaliar o investimento ideológico nas praticas sociais, Fairclough ([2001] 2016).

3.3 GDV e a *Self*

Ao se tratar da composição, o *self* busca mostrar uma relação de aproximação entre os PR's da imagem, em que o ator já conhecido conota uma relação com um famoso, ou um objeto, enfim, preparar uma representação para a comunidade que está habituada com uma autofotografia tirada por aparelho celular, em que ao mesmo tempo é PR e PI.

O seu estilo sempre trabalha sistematicamente de forma horizontal, o que na GDV está inserido no Significado Composicional, no sistema Dado (lado esquerdo) / Novo (lado direito), e que, na maioria das vezes, vem acompanhada de uma legenda (frases de autoajuda, pensamentos filosóficos, letras de música, ou *emojis*).

As análises serão distribuídas da seguinte maneira, as imagens 1 e 2, serão analisadas segundo o Significado Interacional, as imagens 3 e 4 serão analisadas segundo o Significado Composicional.

A imagem 1 vem trazendo a figura pública Kate Middleton, Duquesa de Cambridge, foi pega de surpresa em algum evento que participou pela manhã. Além de duquesa ela é filha de um grande e influente empresário do Reino Unido.



Imagem 1. Kate Middleton com cara de sono em uma *self*.

Fonte: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/veja-10-selfies-de-famosos-que-fizeram-sucesso-na-internet>

Quanto ao Significado Interativo, na construção imagética de forma interativa, na imagem acima, foi estabelecido um contato de demanda, pois há uma construção de vetores no entre PI e PR, pode-se observar que ambas PRs estabelecem um contato visual com o PI.

A distância social estabelecida é de plano fechado, pessoal próxima, pois está mostrando somente partes da cabeça e dos ombros, “denotando” uma relação de aproximação. Em relação à atitude, revela um baixo nível de engajamento entre PR e PI devido ao seu ângulo horizontal-obliquo; referente à relação de poder entre PR e PI, classificado como uma relação de alto nível de poder, devido ao ângulo vertical – alto. A falta de interação se dá também pelo fato de um dos participantes não medir esforços em retratar ou ser retratado com o famoso. Assim, na maioria das vezes esse tipo de *self* traz à tona cenas “reais” ou até meio constrangedoras para o ‘famoso’.

No quesito modalidade, por ser uma foto, temos uma abordagem naturalística, enquadra-se melhor em um nível de credibilidade, levando em consideração o momento circunstancial em que foi tirado a foto, não sendo comum a relação de convivência entre os participantes da imagem. As nuances de cor também podem ser evidenciadas, caracterizando uma foto com poucos ou sem retoques.

Na imagem 2, temos uma fã, uma adolescente chamada Valentina, que de forma inusitada tirou uma *self* com a cantora Beyoncé. A menina decidiu tirar uma foto sua com o palco ao fundo em um show na Austrália.



Imagem 2. Beyoncé e fã.

Fonte: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/veja-10-selfies-de-famosos-que-fizeram-sucesso-na-internet>

Na construção imagética de forma interativa, é estabelecido um contato por meio de demanda, pois há uma construção de vetores no entre PI e PR, pode-se observar que ambas PRs estabelecem um contato visual com o PI.

Quanto à distância social, é estabelecida em um plano fechado, uma distância pessoal próxima, intimidade, pois evidencia somente as partes da cabeça e ombros, “denotando” uma relação de aproximação. Em relação ao ponto de vista da expressão da atitude, evidencia um grande nível de engajamento entre PR e PI, devido ao seu ângulo horizontal- frontal; referente à relação de poder entre PR e PI, é classificado como uma relação de poder igualitário, devido ao ângulo vertical – mesmo nível de olhar~, considerando-se o observador da imagem.

No quesito modalidade, temos uma foto que corresponde a uma abordagem naturalística, enquadra-se melhor em um nível de credibilidade, levando em consideração o momento circunstancial em que foi tirado a foto, não sendo comum a relação de convivência entre os participantes da imagem. As cores e o brilho no rosto das participantes demonstra que as imagens não sofreram tratamento neste sentido.



Imagem 3. Príncipe William.

Fonte: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/veja-10-selfies-de-famosos-que-fizeram-sucesso-na-internet>

Na imagem 3, analisada quanto ao Significado Composicional do texto, temos o valor de informação disposto da seguinte maneira, do lado esquerdo (dado), encontra-se o príncipe William, atribuindo à figura de uma pessoa muito influente e importante no cenário político, no lado direito (novo) uma adolescente, a Madison Lambe, em que não hesitou ao encontrar o sucessor da monarquia inglesa: decidiu tirar uma *self* com o príncipe, que saiu falando durante a foto, de boca aberta.

Ao contar com o quesito saliência, pode se notar que os PR's, principalmente o do lado direito, torna-se importante por estar ao de um grande representante político de seu país, subvertendo totalmente a sua rotina. Não possuindo nenhuma linha divisória que possa dividir o contato entre os PR's.

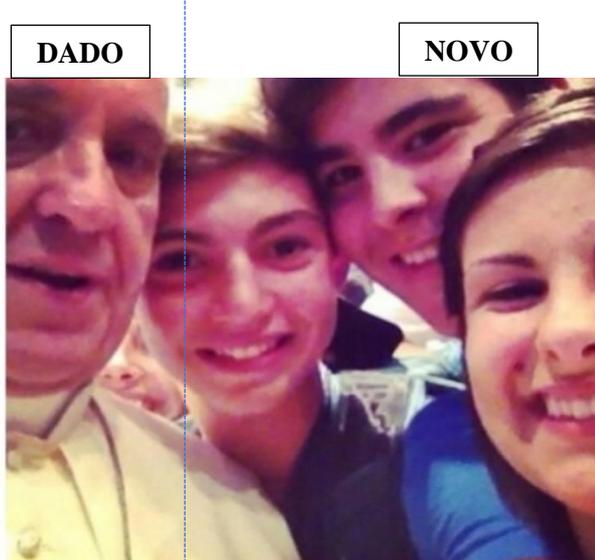


Imagem 4. Papa Francisco

Fonte: <https://www.tudointeressante.com.br/2015/03/as-30-fotos-mais-estranhas-tiradas-entre-fas-e-celebridades.html>

Em relação à imagem 4, é um grupo de adolescentes (novo) que ao visitar o Vaticano, não perdeu tempo em tentar tirar uma *self* com o Papa Francisco (dado), o resultado não poderia ser melhor, como podemos notar na foto ao lado.

Ao contar com o quesito saliência, pode se notar que os PR's, principalmente o do lado direito, torna-se importante por estar ao de um grande ou mais importante representante religioso do mundo, subvertendo totalmente a sua rotina. Não possuindo nenhuma linha divisória que possa dividir o contato entre os PR's. Inserimos o traço pontilhado para demonstrar que o Papa, que seria o personagem principal da foto, ficou no espaço do Dado, os meninos ficaram no espaço do Novo, pois esta foi a intenção, revelar-se com o Papa e não retratar o ilustre personagem apenas. O foco da *self* é justamente fugir do padrão que seria uma composição, justamente ou contrário, em que o 'novo' seria a imagem do Papa.

Discorrendo sobre o *self*, constata-se uma fuga momentânea da realidade, uma representação espetacularizada de um indivíduo na sociedade virtual, seja para 'sua comunidade' ou para um público geral. O *self* atua no cenário representado e, ao mesmo tempo, consome como telespectador, essa interação ocorre da seguinte forma, no mesmo momento em que a pessoa tira foto, ela também passa a ser telespectador, pois se isso não acontecesse não postaria nas redes sócias, até então, antes das programações irem ao ar ocorre

uma espécie de pesquisa de aceitação, então assim da mesma forma que o PR está na foto ele também autointerage com a sua psique para ver se terá uma aceitação da sua comunidade virtual, por isso ao mesmo tempo ele também é PI, dessa forma ele acaba se tornando telespectador dele mesmo, caracterizando uma introspecção da personalidade em formato de status.

Nas imagens acima analisadas, revela-se uma situação diferente do *self* que o participante produz em sua residência, com os devidos cuidados de cenário e maquiagem. Percebemos, assim, que o contexto é importante na configuração deste gênero, mas acima de tudo evidencia-se que o interesse maior, quer seja no cenário íntimo ou público, é que a foto estabeleça um grau de surpresa no observador e também um diálogo com o público por meio de muitos *likes*.

Considerações finais

Sabe-se que ao trabalhar com gêneros textuais há uma pluralidade discursiva e uma prática social, logo o *self* já começa a se enquadrar ao sistema de gêneros, pois além de caracterizar um discurso é também uma prática social, e como sabemos para Kress e van Leeuwen ([1996], 2006), a imagem não é uma obra arbitrária, mas sim algo acarretado de sentido, convicções, ideologias e identidade.

Percebe-se também que a imagem não é construída de modo inocente ou sem teor ideológico, colocando em operação novas práticas sociais. Assim, entender as novas manifestações midiáticas em redes sociais, é entender o novo funcionamento discursivo da sociedade e sua adequação às mudanças que a tecnologia impõe a todos os indivíduos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *A cultura no mundo líquido moderno*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia Maria Macêdo De. *Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso Um Panorama Introdutório*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 89-107, 200./dez. 2017.

CARVALHO, Flaviane Faria. *Temas contemporâneos em semiótica visual*. Brasília: CEPADIC, 2013.

_____. *Semiótica Social e imprensa: o layout a primeira página de jornais portugueses sob o enfoque analítico da gramática visual*. Tese de doutorado em Linguística, 2012. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Pós-Graduação em Estudos Anglísticos.PDF.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003.

HALL, Sturt. *A identidade cultural no pós-modernidade*. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 1. ed. Londres: Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael A.K.; *An Introduction to functional grammar*. Revised by Christian Matthiessen. 3 ed. London: Arnold, 2004.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN. *Reading Images. The Grammar visual design*. London; New York: Routledge, 1996.

_____. *Reading Images. The Grammar visual Design*. London; New York: Routledge, 2006.

LOVATO, Cristina Dos Santos. *Análise das imagens em notícias de popularização científica image analysis in scientific popularization news*. *Travessias*, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 114-133, 201./201

OTTONI, Maria A. R.; LIMA, Maria C.(Orgs): *Discursos, Identidades e Letramentos*. São Paulo: Cortez, 2014.

ROGERS, Carl. *Torna-se Pessoa*. Trad. Manoel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli; 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHLEE, M. B. et al. *A linguística sistêmico-funcional no quadro das grandes teorias linguísticas: propostas de aplicação*. *Anais do XVI CNLF*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 2026-2110, 201./201.

SOARES, Neiva M. M. *Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

VIEIRA, Josenia A.; FERRAZ, Janaína de A. *Percurso e avanços do texto multimodal: novas perspectivas na contemporaneidade. Discursos Contemporâneos em Estudo*, v. 1, n. 1. Brasília: Centro de Pesquisa em Análise de Discurso Crítica (CEPADIC): UnB, 2011.

_____. *Olhares em Análise de Discurso Crítica*. Brasília: Cepadic, 2009.

_____. ; Silvestre, Carminda. *Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social*. Brasília: Centro de Pesquisa em Análise de Discurso Crítica (CEPADIC): UnB, 2011.